Depressão Sul Africana

Apartheid e a Guerra Popular

Depressão Sul Africana

Apartheid e a Guerra popular

Trabalho Individual de História A

Realizado por:
Josué Capistrano

Orientador: Carlos Pires

Aveiro
2026

Índice

Introdução.....**5**
Mapas.....**6**
Ato 1.....**7**
Ato 2.....**11**
Ato 3.....**19**
Ato 4.....**24**
Conclusão.....**25**
Webgrafia.....**26**
Bibliografia:.....**27**

Abreviações

ALPA (Azanian Liberation People's Army/Exército Popular de Libertação Azaniano)

ANC (African National Congress / Congresso Nacional Africano)

ANCYL (African National Congress Youth League / Liga da Juventude do ANC)

AZAPO (Azanian People's Organisation/Organização Popular Azaniana)

BCM (Black Consciousness Movement / Movimento de Consciência Negra)

BPC (Black People's Convention / Convenção do Povo Negro)

CCB (Civil Cooperation Bureau/

CODESA(Convention for a Democratic South Africa/Convenção multipartidária para uma África do Sul Democrática)

IFP (Inkatha Freedom Party / Partido da Liberdade Inkatha)

KP (Konserwatiewe Party/Partido Conservador

MK (uMkhonto weSizwe/A Lança da Nação)

NSMS (National Security Management System/Sistema de Gestão de Segurança Nacional)

PAC (Pan-Africanist Congress / Congresso Pan-Africanista)

PN (National Party/Partido nacional)

Poqo: (Braço armado do PAC.)

SACP (South African Communist Party / Partido Comunista Sul-Africano)

SANNC (South African Native National Congress/Congresso Nacional Nativo Sul-Africano)

SASO (South African Students' Organisation/Organização de Estudantes Sul-Africanos)

TRC (Truth and Reconciliation Commission / Comissão da Verdade e Reconciliação)

UDF (United Democratic Front / Frente Democrática Unida)

ZAPU (Zimbabwe African People's Union/União Popular Africana do Zimbabué)

ZIPRA (Zimbabwe People's Revolutionary Army/Exército Revolucionário Popular do Zimbabué)

Introdução

A África do Sul nunca esteve em total paz até o fim do apartheid; brancos e negros lutaram entre si, e não só, negros contra negros se formos analisar mais a fundo o trabalho descrito, acabando por tornar-se mais um conflito político do que racial.

Ao longo do trabalho, o caro leitor poderá visualizar as perturbações dos povos locais sobre a instauração de um regime que colocou uma hierarquização de raças forçada sobre uma ideologia de superioridade branca.

Também poderá descobrir os factos escondidos durante o período do apartheid, onde um partido revolucionário estava mais focado na tomada do poder do que no bem-estar da população, como estratégia para manipular os media perante um jogo de propaganda e influência.

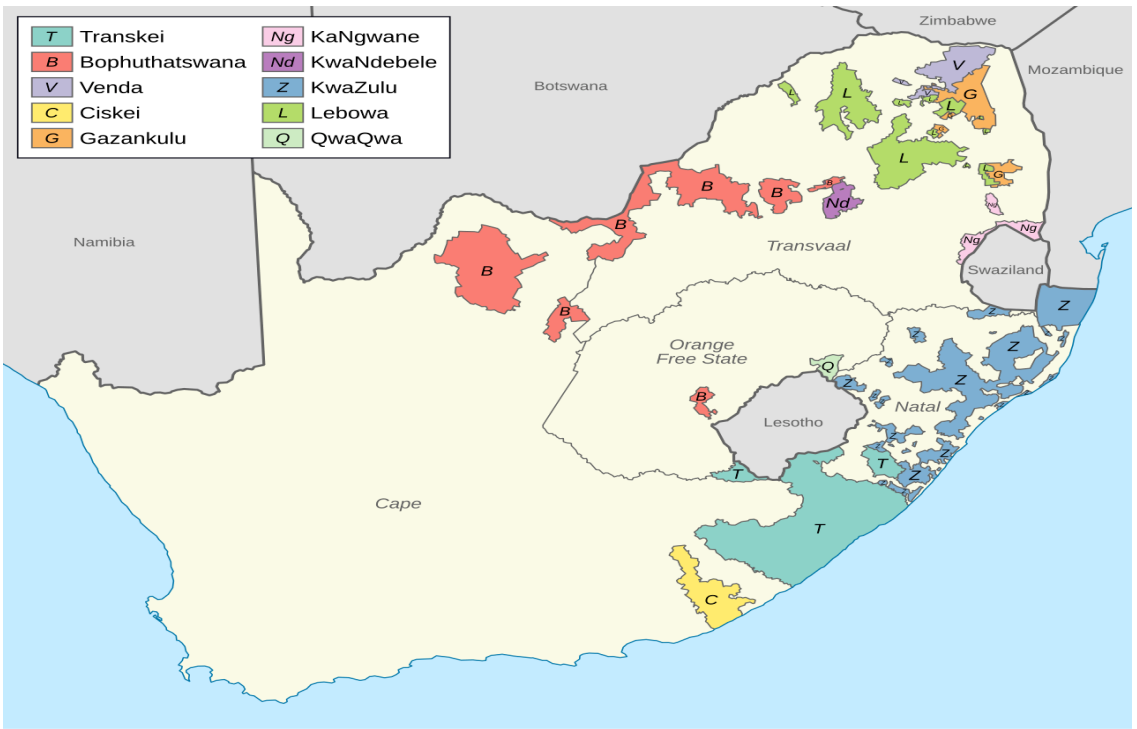
Sendo este o verdadeiro período de depressão sul-africana, onde nem no governo nem nos revolucionários se podia confiar, pois não se sabia quem ia oprimir, sendo a morte uma possibilidade diária durante a guerra popular do início da década de 80.

Os personagens carismáticos da revolução com a sua verdadeira face crua e nua e as suas intenções reais, alianças estranhas que permitiram a sobrevivência dos revolucionários, massacres e assassinatos em massa sobre as populações, além de um terrorismo que não se tinha verificado no local original, divisão de terras de forma abusiva e contextos históricos dos acontecimentos futuros da nação sul-africana.

A transição para a democracia na década de 1990 não foi um milagre pacífico, mas sim de uma violenta guerra popular que envolveu graves conflitos internos entre os próprios grupos negros, como a rivalidade entre o ANC e o partido Inkatha. A eleição de Nelson Mandela em 1994 e os esforços da Comissão da Verdade e Reconciliação inauguraram uma nova era política, que ainda luta para superar as profundas cicatrizes econômicas e sociais herdadas deste longo período de opressão.

Mapas

SOUTH AFRICA
National capital
Provincial capital
Town, village
Major airport
International boundary
Provincial boundary
Main road
Railroad
ZIMBABWE
MOZAMBIQUE
BOTSWANA
NAMIBIA
SWAZILAND
LESOTHO
NORTHERN PROVINCE
NORTH WEST
MPUMALANGA
FREE STATE
KWAZULU-NATAL
NORTHERN CAPE
EASTERN CAPE
WESTERN CAPE
SOUTH ATLANTIC OCEAN
INDIAN OCEAN
Musina (Messina)
Polokwane (Pietersburg)
Gaborone
Pretoria
Nelspruit
Mafikeng
Johannesburg
Krugersdorp
Germiston
Witbank
Barberton
Maputo
Mbabane
Klerksdorp
Vereeniging
Orkney
Piet Retief
Volksrust
Hotazel
Sishen
Kroonstad
Welkom
Bohlokong
Newcastle
Madadeni
Vryheid
Mkuze
Ulundi
River View
Richards Bay
Ladysmith
Bethlehem
Kimberley
Bloemfontein
Maseru
Stanger
Pietermaritzburg
Durban
Amanzimtoti
Port Shepstone
Umtata
Port St Johns
Queenstown
Aliwal North
Middelburg
De Aar
Carnarvon
Victoria West
Williston
Calvinia
Bitterfontein
Klawer
Vredenburg
Saldanha
Paarl
Cape Town
Stellenbosch
Strand
Worcester
Oudtshoorn
Beaufort West
George
Knysna
Heidelberg
Mossel bay
Graaff-Reinet
Bisho
East London
Grahamstown
Port Alfred
Port Elizabeth
Uitenhage
Cape St. Francis
Cape Agulhas
Cape of Good Hope
Lüderitz
Keetmanshoop
Karasburg
Upington
Kenhardt
Oranjemund
Alesander Bay
Port Nolloth
Nababeep
Springbok
Capital:
Pretoria, administrative;
Cape Town, legislative and
Bloemfontein, judicial
0 100 200 300 km
0 100 200 mi
The boundaries and names shown and the designations used on this map do not imply official endorsement or acceptance by the United Nations.


T Transkei
B Bophuthatswana
V Venda
C Ciskei
G Gazankulu
Ng KaNgwane
Nd KwaNdebele
Z KwaZulu
L Lebowa
Q QwaQwa
Zimbabwe
Mozambique
Botswana
Namibia
Transvaal
Swaziland
Orange Free State
Natal
Lesotho
Cape

Ato 1

Os holandeses colonizaram e fundaram a Cidade do Cabo em 1652, em consequência das viagens até à Índia, que atravessavam a África Meridional. Este local, que viria a ser a Colónia do Cabo, foi inicialmente planeado como um ponto de reabastecimento para os navios que viajavam em direção ao Sudeste Asiático e espalharam-se pelo território da África do Sul, conquistando à força os nativos que lá estavam, escravizando-os e relacionando-os. Como tinham pouca mão de obra, o seu crescimento foi lento, tendo de importar escravos de outras localidades como a Indonésia e Madagascar.

Durante este período, os Holandeses moldaram as bases de uma sociedade segregada, onde os europeus e os seus descendentes ocupavam o topo da hierarquia social e os negros eram proibidos de ter propriedades

Durante as Guerras Napoleônicas, a Holanda tinha sido invadida pela França, tendo suas colônias desprotegidas, assim a Grã Bretanha ocupou o território para aproveitar da situação, mesmo assinando um acordo em 1803 que cedesse a Cidade do Cabo para Holanda novamente, foi invadida pelos em 1814, a Cidade do Cabo foi entregue a Grã Bretanha oficialmente.

Iniciada em 11 de janeiro de 1879, foi um dos conflitos coloniais na África do Sul, colocando frente a frente o avançado exército britânico e o Reino Zulu. A descoberta de grandes reservas de diamantes em 1867 atraiu a atenção intensificada do Império Britânico para o sul da África. Sir Bartle Frere, o Alto Comissário britânico, desejava impor um sistema federativo na região para consolidar o controle britânico. O plano não funcionaria enquanto o Reino Zulu existia em seu apogeu entre 1860 e 1870. Sem autorização formal de Londres e motivado por interesses pessoais, Frere enviou ao Rei Zulu um ultimato de 13 termos no final de 1878. As exigências, que incluíam a completa dissolução do exército e do reino zulu, eram impossíveis de aceitar.
Contava com cerca de 15.000 soldados inicialmente (chegando a 40.000 no auge da guerra), equipados com fuzis modernos e precisos para a época, como o Martini-Henry. O exército Zulu contava com aproximadamente 35.000 homens, equipados majoritariamente com lanças (assegais), flechas e escudos de couro, possuindo pouquíssimas armas de fogo. Não eram soldados profissionais, mas aldeões com responsabilidades civis em suas comunidades.
No início da invasão, Frere levou ao seu maior desastre no conflito. Em 22 de janeiro de 1879, os zulus atacaram um acampamento britânico que não possuía estruturas defensivas nem trincheiras. O resultado foi a morte de mais de 1.300 soldados britânicos, marcando uma das derrotas mais graves do exército imperial diante de uma força nativa. Após a derrota em Isandlwana, os britânicos mudaram sua estratégia, assumindo uma postura mais profissional e tentando atrair os zulus para combates em campo aberto, onde a superioridade das armas de fogo era decisiva.

O conflito terminou em 4 de julho de 1879, após quase seis meses de luta. Mais de 2.000 britânicos e cerca de 7.000 zulus morreram. A guerra resultou na anexação completa do Reino Zulu pelo Império Britânico. Embora a guerra de 1879 seja a mais famosa, as fontes mencionam conflitos anteriores entre os zulus e os bôeres[1]. Um exemplo notável foi o massacre da delegação de Piet Retief sob ordens do chefe zulu Dingane em 1838, o que levou à Batalha de Blood River, onde os bôeres derrotaram as forças zulus em retaliação.

[1] *Colonos Holandeses e outras nacionalidades europeias que decidiram viver e permanecer na áfrica do sul. O termo Bôere significa agricultor, com sua própria língua, Africâner*

Por causa do descontentamento das populações bôeres pela abolição da escravidão, muitas pessoas migraram para o interior; Ao norte, conquistando povos nativos e criando as suas próprias repúblicas.
Houve conflito entre a população Boere e os Ingleses, devido à descoberta de diamantes na fronteira entre as repúblicas Bôeres e o território Inglês, principalmente pela interferência estrangeira; Tais diamantes estão na maior reserva do mundo.

Houve duas guerras entre a Grã Bretanha e o povo Boere, a primeira guerra Boere aconteceu em dezembro de 1880 e março de 1881, por causa da anexação da república de Transvaal. As Repúblicas Bôeres ganharam a guerra e foi assinado um tratado de paz.

A Segunda Guerra Boere aconteceu devido a conflitos entre estrangeiros e bôeres sobre os domínios das minas de ouro e a tentativa de aprimorar a indústria nacional e diminuir os direitos de estrangeiros brancos, após um ultimato para retirar as tropas inglesas da fronteira da República de Transvaal, a Grã Bretanha invade com um exército de 347 000 soldados.
Assim as repúblicas bôeres desaparecem e a Grã Bretanha toma definitivamente África do Sul.
Em 1911, aconteceu a união Sul Africana, onde as 4 repúblicas bôeres com o território da África do Sul da Grã Bretanha transformam-se em um território autônomo, permitindo criação de partidos locais.
Uma série de leis racistas começam a surgir no país com a separação das pessoas negras, mas em 1948, o então novo ministro do governo, pertencente ao Partido Nacional (PN), estabeleceu oficialmente o apartheid; negros e brancos eram separados da sociedade em todos os sentidos da vida quotidiana e pública, com a diminuição dos direitos das pessoas negras. Esta política já existia, mas agora tornou-se oficial.

O pequeno apartheid refere-se à vida quotidiana das pessoas durante o apartheid e refere-se às leis e práticas de segregação racial no quotidiano e nas interações sociais da África do Sul. O pequeno apartheid regulava o dia a dia da vida civil para garantir a supremacia branca em todos os espaços públicos; pessoas negras não podiam comer, sentar, conviver e permanecer em áreas de pessoas brancas, tinham que aceder a zonas específicas de deslocação ou estabelecimentos públicos, zonas residenciais de negros e brancos, normalmente de pior qualidade para a população negra e proibição de casamentos mistos.

"No pensamento de Cronjé (o grande ideólogo do apartheid) a única forma de impedir que uma raça dominasse a outra era separando-as para que cada uma pudesse se desenvolver de acordo com suas necessidades. Os negros deveriam ser reconduzidos aos seus próprios valores culturais e ao cultivo de sua própria cultura, de onde eles tinham sido afastados por uma política colonial injusta e mal direcionada. (Ribeiro, 1993)."[2]

Embora as raízes estivessem no Ato das Terras Nativas de 1913 (que reservava apenas cerca de 13% das terras para negros, como no mapa assinalado).
O sistema foi radicalizado a partir de 1948 por líderes como Hendrik Verwoerd, considerado o arquiteto do apartheid, criando os bantustões, que foram a estrutura do regime de segregação na África do Sul, focada na separação territorial e política total entre as raças, visando transformar o país num território majoritariamente branco. Ao contrário do "Pequeno Apartheid", que regulava a segregação no quotidiano, por exemplo nos transportes e casamentos, o Grande Apartheid procurava eliminar a presença política e a cidadania dos negros sul-africanos através da criação de territórios

[2]*ESTEVES, Pâmela.* ***O processo de transição política na África do Sul****: a busca pela verdade e a tentativa de reconciliação. Revista ÁFRICA(S), Rio de Janeiro, v. 8, n. 15. [11/2021].*

étnicos. Foram criados 10 bantustões na África do Sul, separados pelas etnias do país. Com a justificativa de que os negros não fossem cidadãos da África do Sul, mas sim cidadãos de "nações" independentes dentro desses territórios, eliminando assim qualquer reivindicação de direitos políticos ou de voto no governo central de Pretória.

"Na África do Sul, o governo do Partido Nacional consolidou o seu poder na década de 1960 e utilizou a sua aparente invencibilidade para levar avante o apartheid na sua forma mais abrangente. Os controlos de imigração tornaram-se mais rigorosos. Além disso, cerca de 2 milhões de africanos foram removidos à força de áreas designadas para brancos e despejados nos bantustões sobrelotados. O governo prosseguiu também a sua política de conceder uma falsa "independência" a estes enclaves étnicos, com o objectivo de retirar a cidadania sul-africana a todos os africanos e, assim, ostensivamente, impedir qualquer necessidade de a minoria branca os acomodar politicamente. O Transkei deveria tornar-se "independente" em 1976, enquanto o Bophuthatswana deveria seguir o mesmo caminho em 1977, o Venda em 1979 e o Ciskei em 1981"[3]

Esses Estados Nações não foram reconhecidos internacionalmente, mas foram considerados estados fora da administração do Governo Central.

"*Fundada em 8 de janeiro de 1912 em Bloemfontein como o Congresso Nacional Nativo da África do Sul, a organização foi formada para defender os direitos dos negros sul-africanos*."[4]

Fundados por John Langalibalele Dube, Pixley ka Isaka Seme e Solomon Tshekisho Plaatje. sob o nome original de South African Native National Congress (SANNC). O nome atual, African National Congress, só foi adotado em 1923.
O grupo pretendia unir os diversos povos africanos para defender os seus direitos e fazer frente às novas leis segregacionistas, como a Lei de Terras de 1913, que restringia severamente a posse de terra por negros. Nas suas primeiras décadas, o ANC era uma organização conservadora, focada numa "política de petições" e apelos diplomáticos à coroa britânica, sem uma estratégia de mobilização popular direta.

Nelson Rolihlahla Mandela; Mvezo, 18 de julho de 1918, Joanesburgo, 5 de dezembro de 2013, foi um advogado, líder rebelde e presidente da África do Sul de 1994 a 1999, onde é normalmente referido como Madiba ou "Pai". De origem de nobreza tribal Thembu, da nação Xhosa, estudou na universidade de Fort Hare, primeira universidade para negros na época de juventude de Nelson Mandela.

Foi forçado a sair da universidade após recusar o cargo do conselho estudantil como líder, fugindo depois para Joanesburgo por causa de um casamento arranjado pelos seus parentes com uma mulher que não conhecia. Na capital, passou os primeiros anos de modo errante; trabalhava como vigia numa mina e foi despedido; era visto pelas famílias que o abrigavam como "imprestável", até que finalmente teve o seu primeiro encontro com Walter Sisulu em 1941, um membro do ANC. Depois de muito tempo a viver na pobreza, conseguiu finalmente fundar o seu escritório de advocacia com Oliver Tambo; descobriu como a justiça pendia para os brancos e as leis eram parcialmente aplicadas. Assim, entrou de forma definitiva no ANC como ativista político; na prática já assistia às reuniões de forma informal no partido.

---

[3] *Jeffery, Anthea. The People's War: Light on the Struggle in South Africa. Edição eBook, Jonathan Ball Publishers, 2014. [texto adaptado]*
[4] ***AFRICAN National Congress.*** *In: WIKIPEDIA: the free encyclopedia. [S. l.]: Wikimedia Foundation, 2026. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/African_National_Congress. Acesso em: 13 abr. 2026.*

"Seus fundadores sentiram que o ANC era dominado por uma geração conservadora e mais velha que não pode se relacionar com a juventude. Esta "geração mais velha" tinha usado deputações e delegações para tentar fazer com que o governo da União concedesse direitos iguais a todos, mas tornou-se cada vez mais claro que esta tática era ineficaz."[5]

Oliver Tambo e Nelson Mandela, Walter Sisulu, Anton Lambede e Ashby Peter Solomzi Mda fundaram a ala Juvenil do ANC, com o objetivo de intensificar as ações do ANC, com protestos e desobediência civil. Sua fundação ocorreu oficialmente em 1944 com 200 pessoas na sua primeira conferência do mesmo ano. Tal evento possibilitou uma acção mais radical do partido, que acabou por recrutar novos membros ao partido.

O ano de 1950 foi o momento em que o governo do Partido Nacional transformou a segregação numa máquina legal e totalitária. Quatro leis principais foram implementadas com extremo rigor: Lei de Registo Populacional que exigiu a classificação e o registo de todos os habitantes da África do Sul de acordo com as suas características raciais, dividindo-os inicialmente em Brancos, Negros e Mestiços (Coloureds). O governo usava critérios subjetivos e humilhantes para definir a raça, como a aparência física, a textura do cabelo e a aceitação social. A sua implementação foi tão cruel que chegou a separar membros da mesma família que apresentavam tons de pele ligeiramente diferentes. Lei de Áreas de Grupo que demarcou todo o país em zonas de ocupação exclusiva para cada grupo racial. Esta lei foi usada para expulsar comunidades negras e mestiças de áreas urbanas, destruindo bairros históricos inteiros como Sophiatown e District Six, forçando milhões de pessoas a abandonarem as suas casas de gerações e a viverem em guetos periféricos. Lei de Alteração da Imoralidade que, trabalhando em conjunto com a Lei de Casamentos Mistos (1949), esta lei torna crime qualquer contacto sexual entre pessoas brancas e de outras raças. A polícia perseguia ativamente os casais, o que resultou em imensa humilhação pública, destruição de laços familiares e até suicídios por parte de quem era apanhado nestas circunstâncias, assim também era proibido qualquer casamento entre brancos e não brancos. A Lei de Supressão do Comunismo baniu o Partido Comunista Sul-Africano e deu ao Estado ferramentas legais para esmagar a oposição. O governo usou uma definição de "comunismo" para silenciar, prender ou banir qualquer pessoa que criticasse o regime, fossem ativistas radicais, liberais ou religiosos. A implementação conjunta destas leis determinou rigidamente os direitos sociais e políticos, as oportunidades educacionais, o estatuto económico e até a vida íntima de cada indivíduo com base na sua cor de pele

Um conjunto de mobilizações multirraciais e de desobediências civis em massa surgiu contra o Apartheid. Os manifestantes violavam propositadamente as leis de segregação, queimando os seus passes[6] obrigatórios ou entrando em instalações "apenas para brancos". O objetivo era serem presos em massa para sobrecarregar as prisões e paralisar o governo. Embora não tenha derrubado as leis, a campanha foi um enorme sucesso político, fazendo os membros do ANC saltarem de 7 mil para 100 mil. Em 1950, o ANC promoveu manifestações, ações nas massa, boicotes, greves e a desobediência civil. Durante o período, 8.000 pessoas negras foram presas por desafiar as leis de regulamentos do apartheid. Homens negros foram mortos em 1952 numa manifestação em Kimberley, 14 obitos e 39 feridos; Em 1953 o presidente do ANC Albert John Luthuli foi preso por traição, também acabando com a campanha no processo e Nelson Mandela se tornou o novo presidente do partido.

---

[5] *AFRICAN National Congress Youth League. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. [S. l.]: Wikimedia Foundation, 2024. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/African_National_Congress_Youth_League. Acesso em: 29/04/2026.*

[6] *A Lei do Passe exigia que todas as pessoas negras com mais de 16 anos portavam um "livro de passe" a todo o momento quando estivessem fora das suas áreas designadas. Isso servia para controlar rigidamente a movimentação e o fornecimento de mão de obra barata nas cidades e áreas brancas*

Em 1955, foi lançada a Carta da Liberdade, um documento que propaga a igualdade entre raças, liberdade política, direito ao sufrágio universal, fim do Aparthaid e todas as suas medidas impostas, para que haja redistribuição de terras, educação, acesso livre a movimentação e a liberdade individual.

"O documento significava uma grande ruptura com as tradições passadas da luta; este não era mais um movimento de direitos civis que buscava ser acomodado nas estruturas existentes da sociedade, mas exigia uma reestruturação fundamental de todos os aspectos da sociedade sul-africana. O documento é notável por sua demanda e compromisso com uma África do Sul não racial."[7]

Ato 2

Em 1959, um grupo de membros do ANC sai e forma um outro partido, o Congresso Pan-Africanista da Azânia, devido à Carta da Liberdade, que defendia a inclusão de brancos na África do Sul, algo que o PAC rejeitava, classificando os brancos como opressores; na época considerou a África do Sul como estado africano por "direito inalienável do povo indígena africano", defendendo o Nacionalismo Negro.
Em 1960, no município de Sharpeville, na esquadra da polícia, inicialmente com 5 mil manifestantes do PAC, que se tornaram 20 mil manifestantes, manifestaram-se contra os passes. O protesto era pacífico, esperando-se que um funcionário do governo chegasse ao local para observar, enquanto mais polícias da força da Divisão de Segurança chegavam ao local. Os polícias tentaram dispersar a manifestação, sobrevoando com jatos militares e veículos blindados; a população começou a atirar pedras e a invadir as barricadas dos polícias. Quando um polícia tentou prender um manifestante, os manifestantes tentaram avançar contra o polícia; 30 minutos depois, sem aviso prévio, os manifestantes foram alvejados. Atualmente os dados demonstram 238 feridos e 91 óbitos; o número de mortos e feridos não era o mesmo na época em que foi contabilizado, sendo um número inferior ao atual já registrado.

"Lei nº 34 sobre Organizações Ilegais

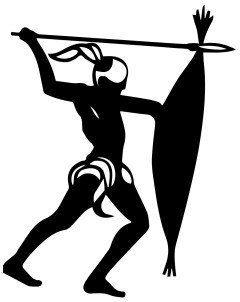
Previa-se que as organizações que ameaçassem a ordem pública ou a segurança pública seriam declaradas ilegais. O ANC e o PAC foram imediatamente declarados ilegais. [...] Sessenta e sete pessoas foram mortas e 186 ficaram feridas pela polícia na esquadra de Sharpeville durante uma manifestação do PAC contra a lei do passe. Em setembro, foram entregues 224 processos civis por danos ao Ministro da Justiça."[8]

[Texto adaptado]

"O PAC criou um braço armado, o Poqo, que procurou desencadear uma insurreição geral. Um grupo de liberais brancos, o Movimento de Resistência Africana, lançou uma série de atentados bombistas. Neste contexto, o ANC pode ter sentido que não tinha outra escolha senão seguir o exemplo. O Umkhonto we Sizwe (MK), a Lança da Nação, foi formado em novembro de 1961 e iniciou os seus ataques de sabotagem pouco depois"[9]

---

[7] *FREEDOM Charter. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. [S. l.]: Wikimedia Foundation, 2024. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Freedom_Charter. Acesso em: 29 abr. 2026.*
[8] *ÁFRICA DO SUL. Truth and Reconciliation Commission – **Truth and Reconciliation Commission of South Africa report** [em linha]. Cape Town: TRC, 1998. vol. 1. [Consult. 30 abr. 2026]. Disponível em WWW: URL:https://www.justice.gov.za/trc/report/finalreport/volume%201.pdf.*
[9] *Jeffery, Anthea. The People's War: Light on the Struggle in South Africa. Edição eBook, Jonathan Ball Publishers, 2014. [texto adaptado]*



Nos anos 60, NP colocou o país em Estado de Emergência Nacional[10]. Imediatamente após o Massacre de Sharpeville em março de 1960, o governo sul-africano aprovou a Lei das Organizações Ilegais e baniu oficialmente o ANC e o PAC. Isso forçou ambos os grupos a atuar na clandestinidade e no exílio, levando-os a abandonar a via pacífica e a criar braços armados: o *uMkhonto weSizwe* (MK) do ANC e o Poqo do PAC, ambos foram criados em 1961. Oliver Tambo, Chris Hani, Thabo Mbeki e Jacob Zuma já tinham fugido do país e organizado o partido fora do país. Posteriormente Poqo foi renomeado para (ALPA) em 1968

A proclamação da República da África do Sul ocorreu a 31 de maio de 1961, marcando o corte definitivo dos laços políticos do país com a coroa britânica. Este processo foi impulsionado pela crescente pressão internacional contra o regime do *Apartheid*. Após o Massacre de Sharpeville em 1960, a Inglaterra passou a criticar abertamente o modelo de segregação sul-africano. Ao perceber que o seu sistema era visto como insustentável pelos antigos aliados, o governo do Partido Nacional decidiu abandonar a *Commonwealth* britânica e isolar-se politicamente.

Em 5 de outubro de 1960, o governo realizou um referendo, no qual apenas os eleitores brancos puderam votar, decidindo a favor da separação da Inglaterra e da declaração da República, a mudança estrutural foi consolidada através da Lei da Constituição da República da África do Sul de 1961.

Nelson Mandela e o Congresso Nacional Africano (ANC) opuseram-se firmemente à proclamação unilateral. Eles exigiram uma convenção nacional multirracial e organizaram uma greve geral de três dias programada para culminar no exato dia da independência, a 31 de maio de 1961. O governo do primeiro-ministro H.F. Verwoerd respondeu à tentativa de greve com uma massiva demonstração de força militar, colocando tanques, carros blindados e helicópteros nas ruas. O medo da repressão e a falta de preparação fizeram a greve fracassar, o que convenceu muitos militantes de que os protestos pacíficos já não funcionam.

[10] *é a designação de uma situação declarada e/ou imposta pelo governo de um país. Isso significa que o governo pode suspender e/ou mudar algumas das funções do executivo, do legislativo ou do judiciário enquanto o país estiver neste estado.*

A interferência soviética é mais antiga do que parece, com a supervisão de Joseph Stalin desde a criação do SACP em 1921; a aliança com o SACP permitiu que o ANC tivesse suporte direto de Moscovo e suprimentos e armas para os revolucionários fora do país criarem campos de treino nos países fronteiriços; também sendo treinados no sul da Rússia pelo KGB para serem terroristas. Outros revolucionários de diversos países faziam o mesmo; isso abriu portas para uma aliança com o Partido Comunista Sul-Africano (SACP), que tinha sido banido desde 1950. Ronnie Kasrils, veterano do uMkhonto weSizwe, disse no documentário (Tainted Heroes) que a relação entre o ANC e o SACP era demasiado próxima, com as mesmas opiniões, bússola marxista e análises revolucionárias; era uma relação de simbiose. O ANC usou essa aliança a seu favor, mesmo que não se assumisse publicamente comunista. Nelson Mandela e outros membros do partido também pertenciam ao SACP, quase juntando os dois partidos num só, porque os membros do ANC também eram do SACP. Por causa disso, o SACP participou ativamente nas atividades do MK, pois os dois partidos tinham fundado o MK, sendo Nelson Mandela o primeiro líder do MK. 17 países já tinham sido descolonizados nos anos 60; foram 5 desses países com apoio soviético. Não era de esperar que as populações locais reclamassem pela independência dos países colonizados, não ignorando também grupos paramilitares, incluindo o MK.

"Pessoas como Mbeki, que também era membro do Politburo do Partido Comunista, bem como Nelson Mandela, também membro do Politburo do Partido Comunista, promoviam a linha do Partido Comunista dentro do ANC, e a linha do Partido Comunista é o marxismo-leninismo como a sua libertação final. E pessoas como Joe Slovo, por exemplo, como Oliver Tambo e os dirigentes comunistas da África do Sul, recebiam instruções de Moscovo. Zuma... Ele foi de Lusaka, esteve em Moscovo e participou no treino mundial do KGB para terroristas, como lhes poderíamos chamar, ou como lhes chamavam, os combatentes pela liberdade."[11]

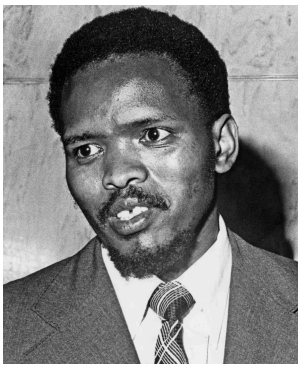
Ao longo de 1962, Mandela organizou cerca de 190 ataques do MK. Realizou atentados à bomba contra órgãos públicos, destruiu centrais elétricas e incendiou plantações de agricultores no campo. Em 1963, a polícia encontrou uma quinta onde Nelson Mandela e o MK haviam depositado um grande arsenal de armas e explosivos para iniciar uma insurreição na capital do país, mas acabou por falhar e Nelson Mandela, Walter Sisulu e Govan Mbeki foram presos com prisão perpétua por traição. As provas recolhidas nestas investigações foram usadas no julgamento de Rivonia, que condenou os líderes à prisão perpétua, paralisando a resistência dentro do país na década de 1960.

"A falta de familiaridade com as necessidades do trabalho militar secreto e a dependência de líderes de alto nível como Nelson Mandela contribuíram para a capacidade do estado sul-africano de capturar a liderança da organização em sua sede na Rivônia, nos arredores de Joanesburgo, no final de 1962. Isso efetivamente neutralizou o MK na África do Sul para a próxima década. No entanto, a organização havia se estabelecido – e sua relação-chave como parte disciplinada do ANC – e não desapareceu" [12]

---

[11] *AFRIFORUM – **Tainted Heroes**: YouTube, 2016. [Consult. 2 maio de 2026]. Disponível em http://www.youtube.com/watch?v=oyECmjmTXhE*

[12] *UMKHONTO we Sizwe. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. [S. l.]: Wikimedia Foundation, 2026. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/UMkhonto_weSizwe. Acesso em: 1 maio 2026.*



Com o vácuo de poder entre os revolucionários naquele período, o BCM, Movimento de Consciência Negra ganhou força no país. O Movimento da Consciência Negra (BCM - Black Consciousness Movement) foi uma influente força anti-apartheid que surgiu na África do Sul no final da década de 1960, idealizada e liderada pelo estudante universitário Steve Biko. Inspirado no movimento *Black Power* americano e na teologia da libertação, o BCM defendia que a emancipação deveria começar na mente. O objetivo era fazer a população negra superar o complexo de inferioridade incutido pelo sistema racista e rejeitar a cultura branca opressora, promovendo o orgulho racial através do lema "Black is Beautiful".O movimento nasceu no meio estudantil com a criação da Organização dos Estudantes Sul-Africanos (SASO) em 1969, presidida por Steve Biko. Rapidamente, o BCM espalhou-se para as escolas secundárias, onde politizou milhares de jovens e os fez rejeitar a aceitação passiva da dominação branca. O BCM não era um único partido, mas uma rede que englobava várias organizações de base, como a Convenção do Povo Negro (BPC), sindicatos e programas comunitários focados na autossuficiência dos negros. O governo sul-africano destruiu o movimento, culminando no assassinato de Steve Biko por espancamento na prisão em 1977 e no banimento oficial das organizações do BCM.

Em 1976, houve uma manifestação pacífica no surbubio negro de joanesburgo, para as melhores condições escolares das escolas negras, além de pagarem para poderem estudar, tinham que aprender obrigatoriamente primeiro africanner, invés do inglês. A polícia lançou gás lacrimogêneo nos manifestantes e atirou contra a multidão.

Uma das primeiras vítimas foi um rapaz de 13 anos chamado Hector Pieterson , baleado na cabeça. No primeiro dia morreram 23 pessoas, mas o governo enviou rapidamente 1.500 policiais fortemente

armados para a região, resultando num total estimado entre 176 e mais de 700 mortos ao longo dos confrontos. Este massacre gerou uma revolta massiva. A população respondeu incendiando mais de 200 edifícios governamentais, veículos policiais e estabelecimentos comerciais.
Isso motivou muitos jovens Sul Africanos a saírem do país, em busca de treinamento para poderem rebelar-se contra o Apatheid, muitos deles foram para Moçambique, Angola, Zâmbia, Zimbabwe e Botswana, sem entrar um uma organização em específica para tal, isso aumentou o número de soldados para o MK, para treinamento e a luta, mas ainda não tinham uma estratégia em específico

O envolvimento de diversas nações e forças militares alterou radicalmente a geopolítica da África Austral e o rumo da luta do Congresso Nacional Africano (ANC). Até 1974, Portugal controlava Angola e Moçambique, formando um "cordão sanitário" que protegia os regimes coloniais e segregacionistas da África do Sul e da Rodésia contra a infiltração de guerrilheiros.

A Aliança com o Exército Revolucionário Popular do Zimbabwe (ZIPRA) e a Campanha de Wankie (1967) nesse contexto, o MK aliou-se estreitamente ao ZIPRA, braço armado do Partido Povo africano do Zimbabué (ZAPU), liderado por Joshua Nkomo para organizar expedições militares conjuntas. Segundo o líder Chris Hani, o objetivo estratégico era criar uma "Trilha de Ho Chi Minh" sul-africana: utilizar o território rodesiano como corredor contínuo para o contrabando de combatentes, armas e suprimentos para dentro da África do Sul.

Contudo, a principal tentativa de implementar esta estratégia, a Campanha de Wankie, resultou em fracasso. Durante a "Operação Nickel", as forças conjuntas do MK e do ZIPRA foram detectadas e amplamente eliminadas pelas Forças de Segurança da Rodésia, que contavam com apoio clandestino de tropas sul-africanas e os sobreviventes foram forçados a recuar para o Botsuana e a Zâmbia.

Esta derrota trouxe lições vitais e gerou uma crise de desmoralização nos campos de treino. Conselheiros militares soviéticos alertaram o ANC de que o grupo dependia excessivamente de confrontos convencionais, falhando nas táticas de guerrilha. Em resposta, a União Soviética abriu instalações de treino especializado na Crimeia para capacitar melhor os combatentes. Simultaneamente, o ANC realizou a Conferência de Morogoro (1969), onde se decidiu que a mobilização política das massas deveria ter tanta prioridade quanto a luta armada. Foi também nesta conferência que se formalizou a aliança militar com o MPLA de Angola.

A Queda do Império Português e a expansão em Angola o cenário mudou drasticamente com o golpe militar de 1974 em Portugal. A independência das colónias destruiu o "cordão sanitário", permitindo que os novos governos servissem de base para o ANC. Com o MPLA no poder em Angola a partir de 1975, o MK estabeleceu amplos campos de treino no país, como Novo Catengue e Quibaxe, contando com o apoio de conselheiros cubanos e soviéticos. Em contrapartida, os soldados do MK lutaram ao lado do MPLA na Guerra Civil Angolana contra a UNITA e o exército sul-africano, destacando-se na histórica Batalha de Cuito Cuanavale.

Zâmbia e Tanzânia mantiveram-se como refúgios seguros, abrigando o quartel-general em Lusaca. Moçambique Sob o governo da Frelimo, Maputo tornou-se a principal base avançada para ataques diretos contra a África do Sul, sob liderança de Joe Slovo e Lesoto, Suazilândia e Botsuana foram rotas essenciais para a Operação Vula, uma rede clandestina de contrabando de armas.

Em retaliação, o regime de Pretória bombardeou e invadiu estes territórios frequentemente, assassinando civis e dezenas de membros do ANC.

Apesar do sucesso estratégico, a vida nos campos de exílio era marcada por condições terríveis. No Campo Quatro, no norte de Angola, muitos prisioneiros foram submetidos a "Programas de Reabilitação". Os alvos eram dissidentes, pessoas que se recusaram a filiar-se ao partido ou suspeitos de espionagem. Relatos de sobreviventes descrevem torturas em níveis extremos e mortes cujos números exatos nunca foram revelados pelo ANC. Em 1991, embora Nelson Mandela tenha ordenado um inquérito sobre estes abusos, o partido optou por não punir individualmente os responsáveis, mantendo em sigilo a identidade dos torturadores.

"O ANC decidiu que Angola era o melhor lugar para instalar campos onde pudesse abrigar os novos recrutas que se juntavam ao UmKhonto weSizwe em números sem precedentes. O primeiro desses novos assentamentos foi estabelecido no início de 1976. A vida nos campos não era fácil. Na Tanzânia, houve relatos de relações homossexuais forçadas entre homens, e em Angola houve frequentes alegações de abuso das mulheres por funcionários dos campos."[13]

Oliver Tambo, juntamente com o comandante do Umkhonto, Joe Modise, o chefe de gabinete do Umkhonto, Joe Slovo, o secretário-geral adjunto do SACP, Chris Hani, fizeram sua visita ao Vietname em 1978 que tinha um único propósito: aprender como o Vietnã tinha triunfado contra o governo Sul vietinamita e os Estados Unidos da América (EUA), instaurando assim o regime comunista em todo o Vietname; Seu grupo estava muito interessado em saber como eram os túneis dos vietcongs, mas acabaram por ignorar isso e prestaram atenção de como funcionava a guerra popular.

"*O Vietname derrotou os Estados Unidos na sua essência, derrotou-os em batalha, tendo enfrentado diversos países, como Portugal, os Estados Unidos e a França, e possuía uma vasta experiência em combater forças militares muito superiores. Obviamente, poderíamos aprender muito com o Vietname – com a estratégia de Ho Chi Minh, com a de Nguyên Giáp e com o confronto com forças superiores.*"[14]

A Guerra Popular, também conhecida como Guerra Popular Prolongada, é uma abordagem militar e política que foi formulada por Mao Tsé-Tung durante a Revolução Chinesa. O conceito fundamental é que um grupo revolucionário com menor número de combatentes e inferioridade tecnológica pode triunfar sobre um exército estatal superior se conseguir o total apoio da população civil.
Para o sucesso da guerra, os guerrilheiros precisam estar inseridos entre as pessoas. A população oferece: recrutas e informações (inteligência), fornecimentos e locais seguros, além de legitimidade política. Ao contrário da guerra convencional, que busca derrotas rápidas e decisivas, a Guerra Popular reconhece que o conflito pode se estender por décadas. O intuito é debilitar a determinação do adversário e seus recursos ao longo do tempo, enquanto as forças revolucionárias se expandem gradualmente. Na Guerra Popular, a luta armada é apenas uma extensão da política. Mao afirmava que "o poder nasce do cano de uma espingarda," mas enfatizava que é o Partido que deve ter o controle da arma. A educação ideológica e a transformação social nas regiões sob domínio revolucionário são tão cruciais quanto as confrontações armadas. Embora compartilhem táticas semelhantes, a Guerra Popular abrange um escopo mais amplo. Enquanto a guerrilha pode ser apenas uma estratégia de assédio, a Guerra Popular constitui uma estratégia integral que visa estabelecer um novo Estado e uma nova ordem social nas "zonas libertadas" mesmo antes do conflito se encerrar.

As novas estratégias que os líderes do ANC e do SACP aprenderam que estão descritos tanto nos livros *Green Book* e *People's war* são; Tornar o país ingovernável: O objetivo era destruir as

[13] (ELLIS, Stephen. External Missiom. The ANC in Exile (1960-1990). Oxfod Univ. Press. 2013, p.118-119.)
[14] *AFRIFORUM – **Tainted Heroes**: YouTube, 2016. [Consult. 08 maio de 2026]. Disponível em http://www.youtube.com/watch?v=oyECmjmTXhE*

administrações locais e assumir o controle através de "zonas libertadas". Estas passariam a ser governadas por comitês de rua e tribunais do povo vinculados ao próprio partido.
Mobilização Clandestina: Criação de células secretas e infiltração em organizações legais para organizar e mobilizar a população de forma contínua.
Propaganda e Terror Sistêmico: Utilização de violência letal e intimidação para aniquilar oposições rivais (como o Inkatha) e forçar o apoio popular, com recrutamento forçado. Paralelamente, uma forte máquina de propaganda era usada para atribuir exclusivamente ao governo a responsabilidade pelo "*banho de sangue*", com o objetivo principal de fazer um embargo econômico e ter apoio internacional contra o governo. Ainda detinha duas divisões que trabalhavam em conjunto; sendo Política que organiza diversas manifestações em todo país em conjunto com propaganda e outras formas de manifestações, e a força militar, que traduz mais corretamente aos vietnamitas, sendo um programa de violência.

"Para Oliver Tambo [líder do ANC] o enorme poder da propaganda foi a principal lição de sua visita ao Vietnã. A guerra popular é muito diferente da guerra convencional. Seu principal esforço gira em torno da organização da propaganda. Numa guerra popular, não se faz distinção entre militares e civis (...) todos os indivíduos, incluindo aqueles que apoiam o movimento insurgente, são armas de guerra." [15]

Mangosuthu Buthelezi, ex-membro da Liga da Juventude do ANC, também princípe do povo Zulu por parte de mãe, criou o Movimento Nacional de Libertação Cultural de Inkatha (INCLM) em 21 de março de 1975, que posteriormente em 1994 mudou para Partido da Liberdade do Inkata (IFP). Inkata foi no início uma organização cultural e aliada ao ANC,porém, mudou em 1979, quando o partido já tinha 300.000 membros, 3 vezes maior que o ANC naquela altura.

Os líderes de ambos os partidos tiveram uma conversa em Londres, onde tentaram convergir suas ideias e seus objetivos, mas acabou por não convergirem, pois o IFP concordava com os objetivos do ANC, mas discordava de suas estratégias para alcançar esse fim. Depois de um tempo o ANC passou a vê o Inkatha como uma oposição, principalmente quando o próprio Buthelezi era contra as sanções que a República Sul Africana enfrentava.

"Os meus métodos são não violentos e acredito que devemos alcançar o mesmo objectivo que eles desejam através de meios pacíficos, porque se intensificarmos a violência, só haverá destruição, não só do nosso povo, mas de todo o país e das infraestruturas. E nada me assusta mais do que enfrentar um país sem infraestruturas."[16]

[15] *Jeffery, Anthea. The People's War: Light on the Struggle in South Africa. Edição eBook, Jonathan Ball Publishers, 2014. [texto adaptado]*

[16] *op. cit.*

Criada em 1978, Organização Popular Azaniana ou AZAPO, tem inspiração direta no BCM, junto de um objetivo de preencher o vazio deixado quando o governo do *Apartheid* baniu o BPC e outros grupos ligados a Steve Biko em 1977. AZAPO era um grupo mais radical, sendo um grupo de orientações marxistas sólidas, um nacionalismo negro e uma base juvenil, especialmente na região de Soweto. Também criou seu próprio grupo armado chamado AZANLA. Em resposta à crescente ameaça da "Guerra Popular" orquestrada pelo ANC, o governo de P.W. Botha implementou a chamada "Estratégia Total". Esta doutrina baseava-se na premissa de que o país enfrentava um "Ataque Total" de cariz soviético, o que, na visão do regime, justificava o abandono dos métodos legais e convencionais em prol de uma sobrevivência estatal absoluta. Para sustentar esta contra ofensiva, Botha transformou a África do Sul num verdadeiro "Estado de Segurança", alicerçado em três pilares repressivos. Primeiramente, promoveu-se uma militarização sem precedentes da sociedade branca. O orçamento destinado à defesa disparou, enquanto o serviço militar obrigatório para jovens brancos foi estendido por dois anos. A mobilização atingiu também os civis mais velhos, cujas convocações anuais passaram de três semanas para três meses, e os agricultores, integrados em redes de defesa fortemente armadas para garantir o controle territorial. Estruturalmente, o governo estabeleceu o Sistema de Gestão de Segurança Nacional (NSMS). Esta rede funcionava como uma pirâmide de comités de segurança controlados por polícias e militares, operando desde o gabinete presidencial até aos bairros locais. Na prática, o NSMS constituía um governo paralelo, focado obsessivamente na identificação de focos de tensão e na neutralização de ativistas antes que estes pudessem mobilizar as massas. Por fim, a face mais obscura desta estratégia residia na criação de esquadrões da morte clandestinos, como o *Civil Cooperation Bureau* (CCB) e a unidade de Vlakplaas. Estas unidades secretas permitiam ao governo manter uma "negação plausível" perante a comunidade internacional, enquanto realizavam raptos, torturas brutais por choques elétricos e assassinatos de membros do ANC. Frequentemente, os corpos das vítimas eram destruídos com explosivos, um método calculado para apagar quaisquer vestígios de provas e silenciar definitivamente a oposição.

"O Sistema Nacional de Gestão da Segurança e Outras Medidas Em 1979, pouco depois da visita do ANC ao Vietname, o governo estabeleceu um Sistema Nacional de Gestão da Segurança (SNGS) para ajudar a coordenar a "estratégia total" de Pretória contra o "ataque total" do ANC. O SNGS assumiu a forma de uma estrutura piramidal que se estendia desde o presidente do Estado e o seu círculo íntimo de ministros até ao nível das ruas dos bairros. Na sua base, existiam 400 mini-Centros de Gestão Conjunta (CGCs) a nível local, que geralmente incluíam autoridades civis, juntamente com representantes da polícia e do exército. Os mini-CGC foram estabelecidos, em particular, nos municípios onde as autoridades locais tinham entrado em colapso ou eram ineficazes. A principal função dos mini-CGCs era identificar as potenciais fontes de problemas (saneamento deficiente, habitação ou transportes) antes que se transformassem em grandes focos de tensão. Eram também responsáveis por identificar atividades nos municípios que necessitavam de ser "neutralizadas"[17]

[17] *Jeffery, Anthea. The People's War: Light on the Struggle in South Africa. Edição eBook, Jonathan Ball Publishers, 2014. [texto adaptado]*

Ato 3

Ocorreu entre 1983 até 1994, foi uns dos períodos mais sangrentos da África do Sul, nesse período houve a volta do ANC e a intensificação de seus ataques, com outros movimentos revolucionários a fazer massacres e ataques contra os outros nesse período. Com ataque na capital Pretória na Church Street, começa a Guerra Popular. O ataque organizado pelo ANC, com um carro bomba, mas o alvo não era a igreja, e sim o edifício alugado pelo quartel-general da Força Aérea Sul-Africana, resultando na morte de 19 pessoas e 217 feridos.

"Entre as disposições mais controversas da Constituição de 1983 estava o estabelecimento do Parlamento Tricameral, um acordo legislativo que permitiria que os grupos raciais coloridos e indianos fossem representados no parlamento em uma base segregada e a abolição do cargo de primeiro-ministro em favor de uma presidência de Estado executiva sob o governo do primeiro-ministro P. W. Botha. O ato também removeu oficialmente qualquer menção ao holandês como língua oficial."[18]

Também em 1983 surge a Frente Democrática Unida (UDF), um grupo com mais de 400 organizações públicas, incluindo sindicatos, sindicatos de estudantes, organizações de mulheres e para-igrejas, para combater essa nova constituição, contra essa reforma, que eles viam como uma forma de "dividir para conquistar" e manter o Apartheid. Na prática, essa constituição só dava uma limitada liberdade às pessoas Mestiças e Indianos, sem incluir pessoas negras no parlamento.

As fontes convergem, com 3 perspectivas do UDF na Guerra popular. A primeira perspectiva vêm do documento *Interface: a journal for and about social movements Article Volume 3, The capacities of the people,* com o UDF sendo um partido organizado pelas organizações sindicais que não tinham relação com ANC; defende que a UDF nasceu de forma genuína e espontânea a partir de grupos comunitários e sindicatos, focando-se na democracia de base, prestação de contas e não-violência , porém o ANC com sua aristocracia derrubou o ANC e usou para seus fins infiltrando-se no partido para "sequestrar" a sua revolução em curso e impor uma agenda autoritária e militarizada de cima para baixo. Em 1991, o ANC forçou a dissolução da UDF porque a sua cultura de verdadeira autonomia democrática ameaçava o domínio do ANC .
Segunda perspectiva vêm do Documento Documento: Anthea Jeffery, People's War, que em oposição direta, esta obra argumenta que a UDF não teve nada de espontâneo. Afirma que foi cuidadosamente planeada, instigada e financiada pelo ANC (e seus aliados soviéticos) para cumprir a diretriz do *Green Book* de criar uma frente nacional. O objetivo era que a UDF funcionasse como a "missão interna" do partido. Embora a UDF negasse publicamente qualquer ligação, esta fonte indica que a esmagadora maioria da sua liderança executiva pertencia ao braço político clandestino do ANC, operando em conjunto para tornar o país ingovernável através da violência e da guerra popular.
Terceira perspectiva vem da própria Comissão da Verdade e Reconciliação (TRC), com a avaliação oficial que raramente separa os dois grupos de forma rígida, referindo-se frequentemente a estruturas

[18] SOUTH African Constitution of 1983. In: WIKIPEDIA: the free encyclopedia. [S. l.]: Wikimedia Foundation, 2024. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/South_African_Constitution_of_1983. Acesso em: 9 mai. 2026

paramilitares alinhadas “UDF/ANC”. A TRC foca-se essencialmente no resultado dessas alianças no terreno com o profundo envolvimento de apoiantes da UDF em retaliações e conflitos letais contra rivais políticos, como a AZAPO e o partido Inkatha (IFP). O documento também salienta que as forças de segurança do governo do *Apartheid* aproveitaram e fomentaram secretamente essas divisões entre a UDF e o IFP para causar o caos. Entre todas as perspectivas, é facto que o UDF teve brigas diretas entre assassinatos, massacres e difamação pública entre o IFP, AZAPO e APLA, que recrutou muitos jovens para revolução e criou protestos massivos com violência

ANC passa a não tolerar a existência de outros movimentos negros, como o AZAPO e o Inkatha. Sob a estratégia da "Guerra Popular", o ANC inicia uma onda de ataques contra estes rivais. Líderes do Inkatha relatam a sua surpresa ao verem as suas casas incendiadas e o seu povo a ser executado por aqueles que consideravam ser os seus libertadores, percebendo que as armas do ANC não estavam direcionadas apenas ao governo branco, mas também aos próprios negros.

"fomos pegos de surpresa no início dos anos 1980. quando, acreditamos que sob o comando do Anc, eles se tornaram intolerantes, com o movimento de Consciência Negra. Eles se tornaram intolerantes com a nossa filosofia e começaram a nos atacar. Chegou ao ponto de nossas casas serem queimadas, Chegou ao ponto das pessoas serem executadas. Chegou ao ponto das pessoas serem queimadas. Nosso povo morreu pelas mãos daqueles que pensávamos serem nossos libertadores."

– *Strike Thokoane, Deputado da AZAPO, Black conscience Moviment*

Intensifica-se drasticamente, gerando um rápido aumento nos assassinatos políticos e intimidações. Simultaneamente, o ANC lança uma campanha de propaganda altamente eficaz, que culpa exclusivamente o governo do Partido Nacional e o Inkatha por toda a violência. O ANC ganha simpatia global, enquanto o Inkatha sofre perdas devastadoras de credibilidade e apoio, escondendo os seus próprios abusos feitos.

O MK realiza um grande ataque com explosivos à central nuclear de Koeberg. Ruth First, ativista do ANC, é assassinada por um pacote-bomba enviado pela polícia sul-africana em Maputo. O SADF lança um ataque mortal contra alvos do ANC no Lesoto.

Em 1984, o ANC apelou abertamente à população para transformar o país numa nação "ingovernável" nas Townships através da sua "Guerra Popular". Iniciaram-se massivos boicotes a escolas e ao pagamento de rendas, e os vereadores e policiais negros foram duramente atacados, surgindo o brutal método de execução *"Neckling"*[19]*,* também incentivada pela própria esposa de Nelson Mandela, Winnie Mandela que afirmou "*Com nossas caixas de fósforos, e nossos colares, vamos libertar este país*".

O alvo não era o exército branco, mas sim os próprios negros: polícias, vereadores e as suas famílias foram brutalmente assassinados e as suas casas destruídas tijolo por tijolo, isso evedenciava na Conferência de Kabwe em 1985, o ANC decidiu que o seu braço armado deixaria de distinguir "alvos moles" (civis) de "alvos duros" (militares e infraestruturas), o que fez disparar o número de atentados à bomba e de mortes de inocentes.

[19] Método de tortura onde uma pessoa é presa em pneus de carros com gasolina para depois atear fogo, a deixar a vitima cabornizada. Na variante Brasileira esse método chama-se “Micro-ondas”, na tradução literal fica como colar em português.

"o ANC organizou uma conferência consultiva nacional em Carway, na Zâmbia, em Junho de 1985. De um modo geral, a conferência concordou com a necessidade de intensificar todos os elementos da guerra popular para tornar a África do Sul ingovernável. Um resultado importante da Conferência de Carway, no entanto, foi a decisão de que os soldados do Exército já não teriam de diferenciar entre alvos íntegros e vulneráveis durante as atividades armadas."[20]

Sem conseguir controlar o caos, o governo de P.W. Botha declarou sucessivos Estados de Emergência em 1985 e 1986, enviando o exército para os bairros negros e prendendo milhares de ativistas sem julgamento.

A Guerra Popular transformou-se em confrontos violentos entre os próprios negros, especialmente na região de Natal, onde os apoiantes da UDF e do partido Inkatha (IFP) travaram batalhas letais pelo domínio do território. O governo intensificou o uso de esquadrões da morte clandestinos (como o CCB e Vlakplaas) para raptar e assassinar líderes políticos. Nos bastidores, contudo, a mudança aproximava-se: em 1988, o ANC lançou a secreta Operação Vula para infiltrar os seus líderes no país, e em 1989 o novo presidente F.W. de Klerk assumiu o poder, começou a desmantelar parte do sistema de segurança militar e iniciou reuniões secretas com Nelson Mandela.

Quando a União Soviética caiu, o ANC tinha sido afetado diretamente, não na questão logística, apenas ideológica em relação ao seu Marxismo, por dois motivos, sendo o primeiro motivo que o ANC nunca considerou-se publicamente Marxista ecomunista internacionalmente, oferecendo uma boa imagem para os países ocidentais, em segundo lugar, O ANC já estava sólido na África do Sul, com uma base popular forte e alianças que permitiam estabelecer sua guerra popular, além de que o governo do NP iria cair em questão de tempo.

"O colapso da União Soviética foi um enorme golpe para o movimento de libertação da África do sul. Jeremy Cronin [antigo líder do Patido Comunista Sul Africano e aliado de Mandela] escreveu,"No exato momento em que estávamos prestes a realizar a ruptura democrática(...), o legado soviético que nos inspirou parecia estar jazendo sob os escombros do muro de Berlim. A história não estava necessariamente do nosso lado, afinal."[21]

"Debatemos os objectivos a longo prazo da nossa nação, a revolução democrática, e até que ponto o ANC, enquanto movimento nacional, deveria ligar-se à ideologia do marxismo-leninismo e comprometer-se publicamente com a opção socialista. A questão foi colocada da seguinte forma: Considerando a necessidade de atrair a mais vasta gama de forças sociais entre os oprimidos e a libertação da democracia nacional, um compromisso direto ou indireto nesta fase com uma revolução contínua que conduza a uma ordem socialista pode restringir indevidamente este leque de forças sociais. Também foi argumentado que o ANC não é um partido, e o seu compromisso directo ou aberto com a ideologia socialista pode minar o seu carácter básico como um amplo movimento nacional. É de realçar que nenhum membro da Comissão tinha dúvidas sobre a necessidade fundamental de continuar a nossa revolução para uma ordem socialista; a questão foi colocada apenas em relação às considerações tácticas da fase actual da nossa luta."[22]

---

[20] *AFRIFORUM – **Tainted Heroes**: YouTube, 2016. [Consult. 08 maio de 2026]. Disponível em http://www.youtube.com/watch?v=oyECmjmTXhE*

[21] (FILATOVA, Irina. The ANC and the Soviets. Politics Web. 10 August 2011. Disponível em: https://www.politicsweb.coa.za/news-and-analysis/the-anc-and-the-soviets)

[22] (African National Congress. (1979). The Green Book: Report of the Politico-Military Strategy Commission to the ANC National Executive Committee. Lusaka: ANC.[TEXTO ADAPTADO])

Frederik Willem de Klerk, também abreviado para F.W de Klerk, então novo presidente da África do sul em 1989, começou uma política na diferente de seus antecessores, ciente da pressão da comunidade internacional sobre as políticas raciais, guerra civil constante entre os movimentos revolucionários e os massacres constantes que tinham acontecido na África do Sul decidiu apaziguar a situação de forma lenta, libertando alguns presos políticos e legalizando partidos.

O processo foi impulsionado por negociações secretas e por uma grande mudança global. F.W. de Klerk percebeu que a queda do Muro de Berlim em 1989 enfraqueceria rapidamente o apoio financeiro e militar soviético ao ANC, o que permitiu ao governo sul-africano iniciar negociações a partir de uma posição de maior força.
Antes da legalização oficial, ocorreram várias reuniões confidenciais entre Nelson Mandela, ainda na prisão, e altos funcionários dos serviços de inteligência e da justiça para construir uma base de confiança mútua. Convencido de que esta era a única forma de recuperar a iniciativa política, aliviar as sanções internacionais e remover a justificação do ANC para continuar a luta armada, De Klerk tomou uma decisão drástica.
A 2 de fevereiro de 1990, o presidente surpreendeu o país e o mundo ao comparecer no Parlamento e anunciar o fim do banimento do ANC e do SACP.

Em consequência dessas acções, Nelson Mandela foi libertado em 11 de fevereiro de 1990, depois de 27 anos de prisão, não só mas também outros presos políticos foram libertos anteriormente.

Seu primeiro discurso foi marcado pelas apologias da linha do partido e da continuação da guerra popular, com saudações ao ANC, SACP, MK e UDF. Não era suposto ele ter falado apologia ao discurso de seu partido, inicialmente pediram para falar sobre a violência que tinha-se instaurado na África do Sul e um pedido de paz.

“O governo teria preferido um discurso mais moderado e construtivo, mas a realidade é que Mandela era um quadro do ANC sob disciplina. Recebeu o discurso da sua organização e, como bom quadro, proferiu-o. Não creio que fosse necessariamente a sua visão de como as coisas se deveriam ter desenvolvido, mas estava a seguir a linha do partido.”

– Dave Steward , Ex-chefe de gabinete da presidência (Partido Nacional)

"Achei o discurso terrível quando o vi na TV. Pensei: 'Uau! É este o homem por quem esperamos há 27 anos e é isto que ele tem para dizer?' Foi um discurso repleto de frases político-partidárias, nada tranquilizador para o mundo moderno da época."

– Tony Leon, Former leader of Democratic Party/Democratic Alliance

No seu próximo discurso foi completamente diferente, no dia seguinte com uma conversa com o Arcebispo Tutu falou-se sobre negociação e paz.

"Não existe uma única organização política neste país, dentro ou fora do parlamento, que se compare ao ANC no seu total compromisso com a paz, e a luta armada é meramente defensiva."

– Nelson Mandela, Ex-presidente do ANC e MK

Em 1990, o ANC prometeu que não fará mais a luta armada, em troca de prisioneiros políticos, entre muitos sendo membros do UDF e pessoas que cometeram Neckling.
Durante o processo de negociação, que era a Convenção multipartidária para uma África do Sul Democrática (CODESA) não foi simples e fácil, O ANC/SACP tinha sua própria agenda, que iria competir com o NP, também não só, mas também com novos partidos que iria combater, *The conservative Party ou* simplesmente KP*,* foi um partido conservador Boere que defendia a autodeterminação dos povos Bôeres que tinha um desvio claro a agenda do ANC, também o IFP, PAC e AZAPO estariam em jogo. o autor principal pelo caos foi o KP que boicotou o processo, pois não iriam negociar com o ANC, além da aliança do KP com o IFP e a rejeição da AZAPO. além das organizações como COSATU

"Nós não fazemos parte das negociações, nós as rejeitamos. Nós rejeitamos Kempton Park como AZAPO, e todos os outros acordos, porque estávamos sendo vendidos. E se você quer saber por que estou dizendo isso: o ANC já tinha seus acampamentos, e seus comandantes e líderes já haviam desmobilizado de seus acampamentos para o país antes dos acordos e negociações. Acho que eles estavam com pressa de assumir o cargo. Nós rejeitamos isso abertamente e exigimos que o movimento de libertação primeiro conversasse entre si sobre como abordariam as negociações em Kempton Park. E então fomos 'levados um chute nos dentes' (fomos hostilizados) por fazer isso."

– Strike Thokoane, Deputado da AZAPO, Black conscience Moviment

Durante o período de 1991 a 48ª conferência nacional do ANC elegeu Nelson Mandela, sem oposição como o novo presidente do ANC, Frente Democrática Unida (UDF), principal motor das manifestações locais nos anos 80, é formalmente dissolvida devido a pressões políticas, dezenas de grupos assinam um código de conduta na tentativa de conter a escalada drástica de massacres e mortes civis.

Contudo, a segunda ronda (CODESA 2) fracassou em maio de 1992 devido à insistência do governo em exigir porcentagens de votos muito altas para a aprovação constitucional, o que o ANC interpretou como uma tentativa de manter um veto da minoria branca.

Também nesse período, houve o massacre de Bointapong, organizado pelo IFP, numa tentativa de retaliação ao ANC, como não sabiam identificar os membros do ANC, atacaram os civis, o ANC retirou-se indefinidamente das negociações após esse evento, acusando o governo de fazer-lo. Para evitar um desastre total, o ANC e o governo de De Klerk conduziram negociações secretas e bilaterais. Em setembro de 1992, assinaram o *Record of Understanding* (Acordo de Entendimento), onde o governo cedeu à exigência do ANC de ter uma assembleia constituinte única e eleita para redigir a nova constituição. Esta aliança bilateral enfureceu o partido Inkatha (IFP), que se sentiu marginalizado e abandonou as negociações

Também em 1992 ocorreu o Massacre de Bisho, Líderes do ANC/SACP lideraram intencionalmente manifestantes diretamente contra uma linha de fogo de soldados do Bantustão de Ciskei, resultando em 29 mortes e 200 feridos de 80.000 manifestantes.

Em 1993 acontece um assasinato a Chris Hani, sendo o assasinao o Janusz Waluś que fazia parte do KP; 1994 aconteceu um massacre a johannesburg, com 20.000 mil manifestantes do IFP a protestar com armas tradicionais por causa das eleições e os soldados dos ANC atiraram contra a multidão com 19 mortes.

As eleições acontecem em 1994, entre 26 e 29 de maio, sendo a primeira eleição Sul-Africana onde homens de todas as raças podiam votar; com sufrágio universal; ANC ficou em primeiro lugar, com 62,65% dos votos, NP com 20,39% e IFP com 10,54%. houve no total 19 partidos a concorrer, AZAPO e KP não participou das eleições.

O Aparthei tinha encerrado-se, dando finalmente a representatividade dos negros na África do sul, sendo um perido pertubado até depois do Apatheid para a organização do país, com escancalos de corrupção, o fim do NP e a emigração de Brancos africanos para fora do país, além da gestão da economia e o reconciliamento.

Ato 4

Criou-se o TCR, Truth and Reconciliation Commission / Comissão da Verdade e Reconciliação, com o objetivo de fazer as pazes e procurar a verdade, buscando a investigação de casos de massacres e assassinatos e a reconciliação. apesar da polêmica do TCR sobre sua efetividade de punir os agentes com diversas amnistias, foi bastante rigoroso em relação ao que se tratava dos documentos, muitos documentos foram revelados com o TCR.

As suas principais ações foram as audiências públicas que deram voz às vítimas, permitindo-lhes contar as suas histórias perante o país para ajudar a restaurar a sua dignidade. Amnistias condicionais: em vez de realizar julgamentos criminais tradicionais (como os de Nuremberga), a TRC ofereceu amnistia aos perpetradores do governo e dos movimentos de libertação. Para isso, eles tinham de confessar totalmente os seus crimes e provar que tiveram motivações políticas. Houve investigações e reparações: investigou atrocidades e elaborou recomendações para o governo indemnizar e reabilitar as vítimas.
Foi fundamental para evitar uma guerra civil após o fim do *Apartheid* e revelou verdades horríveis que estavam ocultas, como os detalhes sobre os esquadrões da morte. Contudo, o processo gerou bastante controvérsia e dor. Muitas vítimas sentiram que a verdadeira justiça lhes foi negada quando viram assassinos confessos a saírem em liberdade, e criticaram a lentidão e a insuficiência das reparações financeiras por parte do Estado. Outros autores criticaram o TCR, como por exemplo *Kenneth Good* no documento *journal for and about social movements Article Volume 3, The capacities of the people.* Acusava do TCR de um forte viés pró-ANC, atuando de forma a proteger e consolidar o poder da elite do partido.

Conclusão

Toda a revolução tem sangue, a África do Sul não seria diferente, nem com o próprio Nelson Mandela, que organizou diversos ataques terroristas ao longo da sua carreira no MK; apesar disso, não o critico diretamente pelo seu histórico, mas pela sua santificação dada pelos jornalistas europeus que romantizam a figura de Nelson Mandela. Não é difícil encontrar diversas bibliografias de Nelson Mandela que santificam a sua imagem, dificultando uma análise séria do trabalho, muito pelo facto das demasiadas atrocidades descritas neste documento que não são referidas nos livros didáticos ou fontes de carácter ideológico, principalmente por socialistas europeus ou latino-americanos; até o próprio Marxist.org continha boas fontes! Também foi uma estratégia de controlo de narrativa do ANC que permitiu um "resumo" da matéria que coloca Nelson Mandela como herói absoluto e ignora outros revolucionários que tentaram organizar os seus próprios movimentos e mudar o país.

A África do Sul parece-me uma situação mais política do que racial no fim, entre 1990 e 1994; 5 mil mortes por assassinatos políticos aconteceram entre 1980 até 1989, e em 1990 até 1994 aconteceram 15 mil! Muito pela intensificação do ANC sobre os assassinatos, a resposta violenta da polícia contra manifestações, ações de contra-ataque do IFP e necklings a todo o custo. Mesmo depois do apartheid não foi pacífico ou milagroso, principalmente com casos de corrupção dentro do ANC e o envolvimento de um soldado do ALPA que fez um tiroteio; nunca houve uma total paz na África do Sul. Ainda tem sequelas do apartheid que não cicatrizaram, além de a administração do país ainda ter muitos brancos, não por causa da tentativa de conciliação, mas pela estratégia de não deixar o país decair. Nelson Mandela sabia que não podia reconstruir tudo do zero; a África do Sul já tinha empresas desde o período da União Sul-Africana que geravam receitas enormes ao Estado; isso foi bastante criticado, mas permitiu a sobrevivência do Estado sul-africano se for comparado aos seus vizinhos do norte, que quase caíram em falência por essa causa. Para mim, Nelson Mandela foi um revolucionário socialista não assumidamente leninista, o que dá a entender muito das suas ações, apesar de a comunicação social nunca falar disso, sendo que o próprio Nelson Mandela foi quem liderou o MK antes de ser preso. Não o culpo pelas suas ações, mas culpo os media internacionais pela dificuldade que me criaram para fazer a investigação.

A maior dificuldade foi achar boas fontes que informassem os acontecimentos, principalmente pela barreira do inglês, tive que acessar documentários e vídeos sem suporte a minha língua nativa para compreender a situação.

Webgrafia

https://www.youtube.com/watch?v=SDTXJBdHkCQ
https://www.youtube.com/watch?v=haJZRYn2Csk
https://www.youtube.com/watch?v=umScRCjRZNo
https://youtu.be/jDWdWVgTLu4?si=ROQhX_yNdj5B_po0
https://pt.wikipedia.org/wiki/Nelson_Mandela https://pt.wikipedia.org/wiki/Steve_Biko
https://en.wikipedia.org/wiki/Winnie_Mandela
https://en.wikipedia.org/wiki/Assassination_of_Chris_Hani
https://en.wikipedia.org/wiki/Mangosuthu_Buthelezi https://pt.wikipedia.org/wiki/Jacob_Zuma
https://en.wikipedia.org/wiki/Emma_Mashinini
https://en.wikipedia.org/wiki/African_National_Congress
https://en.wikipedia.org/wiki/African_National_Congress_Youth_League
https://en.wikipedia.org/wiki/Azanian_People%27s_Liberation_Army
https://en.wikipedia.org/wiki/United_Democratic_Front_(South_Africa
https://en.wikipedia.org/wiki/Congress_of_South_African_Trade_Unions
https://en.wikipedia.org/wiki/Rhodesian_Security_Forces
https://en.wikipedia.org/wiki/Freedom_Charter
https://www.dirzon.com/Zon/DownloadStart?target=telegram%3AANC,%20The%20Green%20Book,%201979.pdf&token=4db2a7d34f054a64b6ea741f5835962d&converted=False
https://martinplaut.com/2015/02/25/mandela-and-the-communist-party/
https://en.wikipedia.org/wiki/Population_Registration_Act,_1950
https://en.wikipedia.org/wiki/Group_Areas_Act
https://en.wikipedia.org/wiki/Truth_and_Reconciliation_Commission_(South_Africa
https://www.justice.gov.za/trc/decisions%5C2001/ac21003.htm
https://en.wikipedia.org/wiki/Internal_resistance_to_apartheid
https://en.wikipedia.org/wiki/Defiance_Campaign
https://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra_Civil_da_Rod%C3%A9sia
https://pt.wikipedia.org/wiki/Primeira_Guerra_dos_B%C3%B4eres
https://en.wikipedia.org/wiki/Bisho_massacre
https://en.wikipedia.org/wiki/Church_Street,_Pretoria_bombing
https://en.wikipedia.org/wiki/1994_South_African_general_election
https://pt.wikipedia.org/wiki/Az%C3%A2nia https://pt.wikipedia.org/wiki/B%C3%B4eres
https://pt.wikipedia.org/wiki/Cidade_do_Cabo

Bibliografia:

SOUTH AFRICA. Truth and Reconciliation Commission. Truth and Reconciliation Commission of South Africa Report. Cape Town: Juta, 1998.

ESTEVES, Pâmela. O processo de transição política na África do Sul: a busca pela verdade e a tentativa de reconciliação. Revista ÁFRICA(S), Rio de Janeiro, v. 8, n. 15. [11/2021].

Mandela citado em: Mandela on Communism. The New York times. 29 de julho de 1986, seção A

International Journal on World Peace, COMMUNISM, TOTALITARIANISM, AND THE AFRICAN NATIONAL CONGRESS, Vol. 4, No. 2 (APR-JUN 1987), pp. 175-177

MAYLAM, Paul, archetypal hero or living saint? the veneration of Nelson Mandela. Historia vol. 54, n2, November 2009

Nelson Mandela: speech in Matanzas, Cuba, july 26, 1991 in: MANDELA AND CASTRO How FarWE Slaves Have Come! South Africa And Cuba in Today's World. New York: Pathfinder; 1991

DEHMOUNE, Amal. The Dutch: The Framers of Racial Superiority in South Africa. Tradtec, 2016

LANDAU, paul. The ANC, MK, and the Turn to violence (1960-62): South African Historical journal. Vol. 64, n.3, 2012

ELLIS, Stephen; SECHABA Tsepo. Comrades Against Apartheid: the ANC & the South African Communist Party in Exile: Indiana Univ. PRess, 1992

JEFFERY, Anthea. People's War: Nwe Light on the Struggle for South Africa. Jonathan Ball Publishers, 2019

ELLIS, Stephen. External Missiom. The ANC in Exile (1960-1990). Oxfod Univ. Press. 2013

BARRELL, Howard. The Turn to The Masses: The African National Congress. Strategic Review of 1978-79. Journal of Southern African Studies, Vol 18, No 1, 1992

TREWHELA, Paul. Inside Quatro. Revista Search Light South Africa, nº5, em julho de 1990

MOOSAGE, Riedwaan. A prose of Ambivalence: Liberation Struggle Discourse on Necklacing. Kronos, Vol. 44, n.36, 2010

EFFERY, Anthea. People's War: Nwe Light on the Struggle for South Africa. Jonathan Ball Publishers, 2019

TOIT, Pieter du. The ANC Bilionaries.Big Capital's Gambit and the Rise of thefew. Jonathan BAll Publishers, 2022

GOOD, Kenneth. The capacities of the people versus a predominant, militarist, ethno-nationalist elite: democratisation in South Africa c. 1973-97. **Interface: a journal for and about social movements**, [S. l.], v. 3, n. 2, p. 311-358, nov. 2011.